

Migrantes nordestinos e o acesso à escola no Pontal Mineiro: uma experiência de construção identitária¹

Sauloéber Tárσιο de Souza², Andréia Demétrio Moraes³, Ana Emília Cordeiro Souto Ferreira⁴, Cleidislene Silva⁵, Daiane de Lima Soares Silveira⁶, Denise Ribeiro Lima⁷, Mauro Machado Vieira⁸

Resumo

O texto trata da experiência migratória de grupos originários dos estados da região Nordeste do Brasil que, motivados por diferentes fatores, especialmente pela oportunidade de trabalhar pela subsistência, decidiram partir, deixando suas terras e rumando a novos espaços de sociabilidade no Pontal de Minas Gerais (Triângulo Mineiro). Inicialmente, a partir dos anos de 1940 e 1950, estabeleceram-se nas fazendas; mais tarde, dirigiram-se para as cidades, onde passaram a viver, desenvolvendo novas relações nos bairros, igrejas, comércio, postos de saúde e escolas, superando resistências relativas ao pertencimento étnico-cultural nordestino. Nossa proposta específica é a abordagem sócio-histórica em torno da dinâmica cultural estabelecida entre nordestinos e mineiros no espaço escolar, observando-se o contexto histórico que desencadeou o fenômeno da migração para essa região de Minas Gerais, buscando traçar paralelos com os atuais fluxos de nordestinos.

Palavras-chave

Migrantes Nordestinos. Educação. Identidade Étnico-Cultural. Pontal Mineiro.

1. O texto decorre dos resultados da interface entre o projeto de extensão “Migração e Educação Escolar em Ituiutaba: Reflexões sobre a Dinâmica Cultural entre Tijucanos e Nordestinos” (2010), apoiado pela PROEX-UFU, e o projeto de pesquisa “Das Alagoas às Gerais: Migrantes Nordestinos e Escolarização no Pontal do Triângulo Mineiro (anos 1950 a 2000)”, apoiado pelo CNPq (2009-2012).

2. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professor da Universidade Federal de Uberlândia, participa de grupos de estudos e pesquisas vinculados à Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: sauloeber@gmail.com / sauloeber@pontal.ufu.br.

3. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: deia.demetrio@uol.com.br.

4. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: emiliasouto2000@yahoo.com.br.

5. Especialista em Serviço Social pelo Centro Universitário do Triângulo. E-mail: cleide_servicosocial@hotmail.com.

6. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: daianelss@hotmail.com

7. Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia (Campus Pontal). E-mail: deniseyunes@hotmail.com.

8. Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mauro@pontal.ufu.br.

Migrants *nordestinos* and the schooling at Pontal Mineiro: an experience of identity construction

Sauloéber Társo de Souza*, Andréia Demétrio Moraes**, Ana Emília Cordeiro Souto Ferreira***, Cleidislene Silva****, Daiane de Lima Soares Silveira*****, Denise Ribeiro Lima***** , Mauro Machado Vieira*****

Abstract

The text deals with the migratory experience of groups originating in the Northeastern states of Brazil and motivated by different factors, especially the opportunity to work for subsistence, they decided to leave and met new spaces of sociability, including the Pontal of Minas Gerais State. Initially, from the years of 1940's and 1950's, they settled on the farm, then moved to the cities, where they developed new relationships in their districts, churches, trade, health posts and schools, overcoming resistance related to their northeast culture and ethnic. Our specific proposal is the socio-historical approach around the cultural dynamic established between the *nordestinos* and *mineiros* in the school, focusing the historical context that desencadeate the phenomenon of migration to this part of Minas Gerais state, trying to find similar characters with daily migrants *nordestinos*.

Keywords

Migrants Nordestinos. Education. Ethnic and Cultural Identity. Pontal Mineiro.

* Doctor in Education at the State University of Campinas, professor in the Federal University of Uberlândia, participant in study groups and research linked to University of São Paulo, State University of Campinas and Federal University of Uberlândia. E-mail: sauloeber@gmail.com /sauloeber@pontal.ufu.br.

** Candidate for a doctor's degree in Education at the Federal University of Uberlândia. E-mail: deia.demetrio@uol.com.br

*** Candidate for a doctor's degree in Education at the Federal University of Uberlândia. E-mail: emiliasouto2000@yahoo.com.br

**** Specialist in Social Service at the Centro Universitário do Triângulo (UNITRI). E-mail: cleide_servicosocial@hotmail.com

***** Candidate for a master's degree in Education at the Federal University of Uberlândia. E-mail: daianelss@hotmail.com

***** Pedagogy course students in the Federal University of Uberlândia (Campus Pontal). E-mail: deniseyunes@hotmail.com

***** Candidate for a doctor's degree in Social History at the Federal University of Uberlândia. E-mail: mauro@pontal.ufu.br.

Introdução

Veza por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam) como humanamente superiores.

Norbert Elias

Em memória de Bárbara Luísa Almeida.

Desde a década de 1950, o Pontal Mineiro tem sido importante destino para migrantes nordestinos. No princípio, os maiores fluxos migratórios foram motivados pelo ciclo econômico baseado na cultura de grãos, de forma que, inicialmente, o município de Ituiutaba passou a receber nordestinos dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Posteriormente, o fluxo do Estado de Alagoas tornou-se predominante, de maneira que, até os dias de hoje, todos aqueles que carregam o sotaque do Nordeste são classificados como “os alagoanos”⁹.

Com o advento da escolarização obrigatória (Lei 5692/71), especialmente a partir dos anos de 1980, a migração passou a gerar demanda crescente junto à rede de ensino pública que atendia aos bairros periféricos de maior concentração desses migrantes (que, em muitos casos, vinham com toda a família), provocando também o fenômeno dos “alunos temporários”, assim como o trabalho de seus pais nas lavouras de cana, já que nem sempre o período da safra refletia o ano letivo.

É o que ocorre com parte do quadro de alunos da Escola Municipal Nadime Derze Jorge, na periferia da cidade de Ituiutaba (Pontal Mineiro), que atende, especialmente, crianças migrantes e filhos de migrantes nordestinos, representando cerca de 40% do total de alunos¹⁰. Essa instituição localiza-se em bairro habitado por trabalhadores rurais (do corte da cana-de-açúcar), em sua maioria.

Foi possível constatar nas atividades desenvolvidas nessa instituição, que é preciso valorizar o multiculturalismo presente em seu interior, buscando colocar as diferenças culturais a serviço da ressignificação identitária positiva dos migrantes, minimizando-se o preconceito gerado pelo encontro entre mineiros e nordestinos. Assim, a proposta é entender com mais clareza como a rede pública de ensino tem lidado com esse fenômeno, gerando dados relevantes sobre esse público, com o intuito de auxiliar no planejamento das atividades escolares¹¹.

Migrantes pioneiros no Pontal de Minas Gerais

Buscamos entender os fluxos migratórios e sua relação com a escola a partir do contexto de crescimento econômico do Pontal Mineiro, acelerado na segunda metade do século XX em função, sobretudo, da expansão da cultura do arroz. A indústria de beneficiamento desse

9. Dados da Secretaria de Desenvolvimento Social do Município de Ituiutaba revelam que, ainda hoje, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas são os estados de origem do maior número de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, respectivamente, 85, 245 e 472.

10. Esse dado corresponde ao ano de 2010, segundo a direção da escola pode ter havido modificação nesse percentual em função da inauguração de um grande conjunto habitacional em outra região da cidade o que gerou transferências de parte dos alunos para outras escolas do município.

11. No projeto de extensão desenvolvido no ano de 2010 com o apoio financeiro da Universidade Federal de Uberlândia, foram levantados dados de quatro escolas do município de Ituiutaba, além da Nadime Derze. Coletamos informações sobre a Escola Municipal Manoel Alves Vilela e CAIC, e também sobre a Escola Estadual Álvaro Brandão. Todas essas instituições caracterizam-se por atender grande número de migrantes e filhos de migrantes, localizando-se em bairros que concentram, especialmente, nordestinos.

grão atingiria seu auge nas décadas seguintes, estimulando o desenvolvimento do município de Ituiutaba, de forma que também a rede escolar seria ampliada no mesmo período.

Oliveira (2003) apontou a singularidade da história educacional dessa cidade, constatando o lento processo de institucionalização da escola pública no período que compreende os anos de 1908 e 1950. Nos anos de 1950, inicia-se a expansão das escolas públicas estaduais, que, de apenas duas, passariam para sete na década seguinte; outras oito seriam criadas, de forma que, no ano de 1970, a educação escolar na cidade era marcadamente pública (com quinze instituições de ensino), rompendo com o domínio das instituições privadas e/ou confessionais que diminuiriam em números¹².

Outro fator que demonstra o processo de intensas mudanças no município é o acelerado crescimento populacional urbano, o que representa dado relevante para a compreensão da articulação entre educação escolar e migração. Atentemos para as estatísticas abaixo:

Quadro: População Rural e Urbana do Município de Ituiutaba

| Ano | População Rural | | População Urbana | | Totais |
|------|-----------------|-----|------------------|-----|----------------------|
| | | % | | % | |
| 1940 | 30.696 | 88% | 4.356 | 12% | 35.052 |
| 1950 | 43.127 | 81% | 10.113 | 19% | 53.240 |
| 1960 | 39.488 | 55% | 31.516 | 45% | 71.004 |
| 1970 | 17.542 | 27% | 47.114 | 73% | 64.656 ¹³ |
| 1980 | 9.094 | 12% | 65.153 | 88% | 74.247 |
| 1991 | 6.372 | 8% | 78.205 | 92% | 84.577 |
| 2000 | 5.234 | 6% | 83.589 | 94% | 88.823 |

Fonte: Fundação IBGE – Censos demográficos dos anos de 1940 a 2000.

Pelos dados acima, percebe-se que, até 1991, ocorre expressivo crescimento

populacional, creditado não apenas às altas taxas de natalidade superiores às de mortalidade, mas, também, resultado da migração rural. Lembremos que, neste momento, significativa parcela da população brasileira deslocava-se do campo para as cidades em busca de melhores condições de vida (saúde, moradia e educação), com perspectiva de empregabilidade no comércio e no setor de serviços públicos que se expandiam com velocidade, acompanhando o desenvolvimento nacional. Essa inversão na relação entre rural e urbano no município está clara, ou seja, entre as décadas de 1950 e 1970 a população passou de predominantemente rural para urbana.

Os impulsos “modernizantes” no município eram perceptíveis em outros setores além do econômico e do educacional. Nos anos de 1950, o poder público do município preocupou-se com o Plano Urbanístico, com a ampliação dos serviços de abastecimento de água e de iluminação pública, além da arborização, do calçamento de ruas e da construção de prédios públicos, buscando atender às demandas da população que se avolumava. Na década seguinte, a mudança urbanística acelerou-se ainda mais, com a chegada do asfalto, a construção de praças, a implantação do Distrito Industrial e do primeiro Campus Universitário no município (SOUZA, 2010).

É a partir desse contexto histórico que buscamos estudar os fluxos migratórios e sua relação com a rede escolar pública no Pontal Mineiro, investigando as representações sociais elaboradas em torno desse grupo, revelando o processo histórico-educativo vivido pela região, abrindo novas perspectivas para a compreensão do processo de modernização local, apontando os migrantes

12. Não fizemos referências às mais de 60 escolas rurais municipais que eram frequentemente criadas e extintas, com vida efêmera e pouca estrutura (salas multisseriadas, professores leigos, poucos alunos, alta evasão e repetência).

13. O decréscimo populacional entre os anos de 1960 e 1970 decorreu da emancipação política de alguns distritos administrados pelo município de Ituiutaba, mesmo assim, o movimento de urbanização fica bastante evidenciado.

como fator importante nesse movimento, certamente, uma das especificidades da região.

A migração para essa região mineira foi motivada por notícias em rádios e jornais de todo o país que difundiam, nos anos de 1950, a ideia de “novo eldorado” para o lugar, mas também pelos recados enviados por parentes e amigos dos primeiros migrantes que chegaram à região para o trabalho na lavoura, fato que deu início à atividade do “agenciador de mão-de-obra” responsável pela intermediação entre fazendeiros e trabalhadores¹⁴.

Os nordestinos, de acordo com Silva (1997, p. 8-9), espalharam-se por essa região “trazendo seu modo de vida, sua linguagem, estabelecendo diferenças que deram origem a interpretações variadas, gerando explicações, conceitos e preconceitos”. Chegando ao Pontal, foram chamados de “nortistas, ‘pau-de-arara’, ‘barriga-verde’, ‘caicó’”. Devido aos seus hábitos e costumes e à “peixeira” na cintura, delineou-se um perfil de gente violenta que deveria ser tratada com cautela e mantida a distância.

O perfil do migrante foi assim definido:

[...] a maioria dos nordestinos que para aqui vieram, eram pessoas simples, analfabetas, de costumes e hábitos rudes e que habitavam o interior do Rio Grande do Norte e da Paraíba (SILVA, 1997, p. 133).

Muitos desses nordestinos migravam sem nenhuma informação sobre seu destino e condições de vida e de trabalho que os esperavam. Frequentemente, o agenciador prometia

[...] um salário maior do que realmente era

praticado na região ou condições de vida e moradia que nem sempre correspondia à realidade (SILVA, 1997, p. 32).

Além disso, o trabalho que lhes era reservado era bastante pesado, atividade que pouco interessava à população local:

Arrancar tocos foi a tarefa da maioria dos nordestinos que chegaram primeiro à região. Esse tipo de trabalho era extremamente árduo (SILVA, 1997, p. 72-73).

O povo, saído da região árida do Seridó (interior do Estado do Rio Grande do Norte), parecia ser bastante adaptado a esse tipo de atividade, já que estava acostumado a “enfrentar a rude luta com a natureza” (MEDEIROS, 1980, p. 20)¹⁵.

Assim se fecha o círculo que compõe o fluxo migratório: de um lado a região receptora e o cerrado a ser destocado, do outro a região árida de condições hostis com suas secas “que dizimam vidas e produzem o êxodo de consideráveis massas de gente válida.” (MEDEIROS, 1980, p. 17).

A partir de 1970, o acesso à educação pública começa a se expandir, de forma que parte desses migrantes, sobretudo a segunda geração – os filhos dos pioneiros –, transporia os muros das novas instituições escolares que se multiplicavam pelos bairros da cidade, mesmo com todos os obstáculos e as dificuldades em função de não portarem de forma plena e “legítima” os códigos culturais da região. Por isso, também, eram vistos com certa desconfiança, já que dividiam o

14. Segundo Silva (1997), um dos pontos de ligação entre a região do Pontal Mineiro e o Nordeste estaria na atividade do garimpo no rio Tejuco, nos anos de 1930, trazendo os migrantes pioneiros para a região. Nos anos de 1950 e 60, as excursões para o nordeste, organizadas por donos de pensões e agenciadores, trariam migrantes em massa para Ituiutaba, de onde eram distribuídos para as fazendas da região.

15. E ainda sobre a vida na região de origem do migrante: “O Seridó precisa, para ter assegurado o seu futuro, de uma ampla política que comece pelo combate às secas, pois a primeira coisa a assinalar é que a região seridoense é toda ela atingida pelas longas estiagens periódicas. Em cem por cento, o seu território é sujeito a esse flagelo, e mesmo nos períodos chamadas normais há, pelo menos, seis a oito meses do ano em que ali não cai uma gota d’água” (MEDEIROS, 1980, p. 19).

espaço do mineiro, buscando oportunidades de trabalho, além da expectativa de acesso a serviços públicos que desconheciam no seu local de origem, tais como saúde e educação¹⁶.

Em 1950, a taxa de analfabetismo dos estados nordestinos estava em torno de 70% da população acima de 10 anos (considerando-se as crianças acima de 5 anos, essa taxa atingiria 75%), enquanto que, nos estados do Sudeste, esse número representava 45%. No entanto, Ituiutaba, apesar de localizada geograficamente nessa região, apresentava número próximo ao da região Centro-Oeste, com 57% de sua população não alfabetizada, um pouco acima da média nacional de 55% (IBGE, 1950).

Pelos depoimentos colhidos, é possível perceber que existia diferenciação entre os próprios migrantes em função de sua origem social. Acreditamos que uma pequena parte migrou em condições melhores, isso se refletiu no acesso e na permanência na escola que foi diferenciado também, de forma que alguns deles frequentaram instituições privadas e tradicionais da cidade, como vemos nesse excerto de entrevista de uma das depoentes:

Tinha aquela história, era quatro, três pagava, uma não pagava e mamãe foi trabalhando e pagando nosso estudo. Então nós estudamos a vida inteira em escola particular que era o Santa Teresa, uma escola de freira. [...] Fiquei um ano no Marden, mas eu não me adaptei com a escola, aí fui lá pro Machado de Assis. Aí lá eu fiz o segundo grau [...] Nessa chegada minha, quando você vai pra uma escola, que é de um nível aquisitivo alto, e também por você ser um migrante, havia uma pequena rejeição das pessoas em cima da gente. Então o nordestino era visto como um intruso nessa época. Então assim, o povo te olhava meio assim... Você se sentia um pouco, assim, de lado, entendeu. Até as pessoas adaptarem com você, te aceitar. Eu acho que a gente...

Eu sofri um pouco com isso. Entendeu, havia rejeição do mineiro em cima do nordestino (Entrevistada C, março/2010).

Apesar de essa família ter condições de inserir seus filhos em instituições particulares da cidade, a permanência deles não era tranquila, e, as referências à discriminação e à punição “do diferente” surgem em todas as falas:

Não, pra você ter uma ideia, não tinha um dia que a Irmã Letícia não me botava de castigo e não me chamava pra ir lá na frente. Ela pegava... Eu já ia andando pra frente. É eu que ela vai chamar. E era. Nossa! Eu era muito levada. Entrava na clausura das freiras pra ver as freiras sem aquele véu. Entrava no confessionário. Nossa, eu fazia miséria naquele Santa Teresa. Descia aqueles escorregadores das escadas, sabe assim. Correndo, assim, escorregando. Subia nas árvores, nas últimas árvores. Subia em cima da mesa de pingue-pongue (Entrevistada C, março/2010).

Esse trecho denota que, no novo universo (a escola) aberto a alguns migrantes e seus filhos, iniciou-se um comportamento local que instituiu o “outro”, o “diferente”, como o que “não é” ou aquele “que é”, negando ou afirmando a alteridade, ao atribuir-lhe valores negativos ou positivos em relação às suas características regionais, físicas, e até mesmo emocionais (LÉVINAS, 1997).

Os conflitos não ficavam apenas no campo da discriminação, mas chegavam aos embates físicos:

Tanto que, uma vez, eu não sei o que aconteceu, eu dei uma briga na escola, eu bati em seis meninas lá. Eu rodava minha lancheirinha e ‘vem, vem, vem, vem!’ E o povo vinha e a lancheirinha batia (Entrevistada C, março/2010).

16. Esses anseios muitas vezes ficavam no campo do desejo, como vemos nos comentários de Silva (1997, p. 44-45) a partir de um depoimento de migrante: “Apesar das precárias condições de vida oferecidas pelo patrão ele não pareceu se importar. Além do rádio, o chaveiro e a caneta esferográfica que comprou, embora não tivesse chaves e nem soubesse escrever, parecia dar a ele uma ilusão de prosperidade. [...] O chaveiro e a caneta esferográfica talvez simbolizassem um sonho secreto de um dia ter chaves e poder escrever”.

E outra depoente que estudou em escola rural assim afirmou:

Eu era meio brava (risos). Sempre pegava uma briga na escola (muitos risos). Eu era meio brava (Entrevistada A, fevereiro/2010).

Constatamos que os primeiros grupos migrantes tinham pouco acesso à escolarização, já que até mesmo para a população local a escola era ainda uma dádiva das classes privilegiadas às classes menos favorecidas (FOLHA DE ITUIUTABA, 1963). No entanto, a partir da segunda metade da década de 1960, esse quadro mudaria, pois os migrantes começaram a se transferir para a cidade:

Aos poucos, muitos foram deixando as fazendas em busca da cidade e do estudo para os filhos e depois, com a crise na agricultura, provocada pelas estiagens no final dos anos 60 e início de 70 (SILVA, 1997, p. 101).

Até esse período, a maior parte estava nas fazendas que não contavam com número de escolas adequado para o atendimento a toda a população da zona rural¹⁷. Em um dos depoimentos, uma entrevistada assim descreveu a escola da fazenda em que estudou:

E era uma escola só, uma professora só. E a professora..., que a professora era prima do papai. Então, foi essa a escola. E lá... E Lúcia foi pequenininha. Lúcia não tinha idade, mas ela queria tanto ir, que ela... que a professora falou: Não, deixa ela ir. [...] Ia a pé. Ia a pé. Às vezes, depois de bicicleta. De a pé enfrentando as vacas no meio do... da estrada que tinha vaca. [...] Uma professora pra quarenta alunos, por aí assim. Eram poucos os migrantes. Era mais já, os que eram daqui

mesmo. Poucos os migrantes (Entrevistada A, fevereiro/2010).

Os migrantes ganharam, pouco a pouco, visibilidade social, construindo seus espaços de convívio. A escola passaria a ser local para a produção e a reprodução da cultura do migrante. Segundo Kreutz (1999), o étnico é elemento de diferenciação social, influi na percepção e na organização da vida social, o que significa que a educação é etnicizada, “atravessada” pela etnia. A partir dessa perspectiva, as diferenças culturais seriam as novas barreiras impostas aos nordestinos para permanecerem nas instituições a partir dos anos de 1970, quando o acesso à educação passou a abranger de forma ampla o grupo migrante em Ituiutaba.

Os obstáculos para os migrantes se manterem nas escolas eram maiores em função das dificuldades cotidianas decorrentes de sua condição social, mas acentuadas pelas diferenças culturais. Nesse depoimento, a colaboradora que estudou em escola pública estadual abordou alguns desses aspectos:

Então eu ficava puxando a água pra encher as vasilhas assim, até encher. Quando dava o sinal lá na escola é que eu saía correndo pra ir pra escola. Era desse jeito. Minha vida sempre foi sacrificada... desde pequena. (mostrou-se emocionada). [...] Assim, do Ensino Fundamental. Deu pra mim aprender a ler e a escrever. Sabe, assim muito mal, engolindo muitas letras, mas deu. Eu fiquei assim até os cinquenta anos, quando eu resolvi estudar de novo (Entrevistada D, fevereiro/2010).

Por meio dos depoimentos, observamos que, nas escolas, esse encontro de culturas gerou situações diversas e conflituosas em

17. Embora a população rural fosse superior à urbana nos anos 50, não era em todas as regiões que existiam escolas. Se alguns patrões se ocupavam em providenciar escola e professores para os filhos e estendiam esse privilégio aos filhos dos agregados, isso, definitivamente, não era regra geral. Muitos fazendeiros traziam professores para dentro de suas casas, exclusivamente, para a instrução dos próprios filhos. Dona Marlúcia foi professora de uma escola, nos anos 52/53, criada pelo fazendeiro, dono da fazenda onde o pai arrendava um pedaço de terra. As crianças estudavam de manhã e à noite ela alfabetizava os adultos, mas esses queriam só aprender a assinar o nome, depois que assinava o nome ninguém queria mais nada (SILVA, 1997, p. 101-102).

relação à cultura do migrante, que, por sua vez, portava a expectativa de melhoria de vida na região, imaginada como o “Eldorado”, terra da fartura e da abundância, mas que se tornava realidade a partir da decisão de migrar.

Mesmo com o declínio da cultura de grãos, o processo migratório não se encerraria. Após um período de crise na agricultura local, a produção canavieira (a partir do final dos anos de 1970) daria novo impulso à migração dos nordestinos para atender às necessidades de mão-de-obra de uma usina que traria os “alagoanos” para o Pontal Mineiro. Tal demanda foi incrementada a partir do ano 2000, quando outra usina, dirigida por um grupo norte-americano, iniciou suas atividades na região.

Os fluxos migratórios para o município de Ituiutaba não foram pensados a partir de uma perspectiva infraestrutural (ampliação dos serviços de saúde, educação, segurança, habitação, alimentação, entre outros). Assim, o novo elemento social – o migrante nordestino – passou a ser visto de forma negativa no espaço urbano, estabelecendo-se um conflito cultural, social e político mais intenso do que o naturalmente vivenciado pelos demais grupos sociais já estabelecidos, especialmente, nos novos espaços de sociabilidade – “arenas culturais” – como a escola, por exemplo, que se tornou mais acessível a partir dos anos de 1980.

Dessa forma, a diferença se apresentou como discriminação desse grupo, assim, ser chamado de “alagoano” passou a representar conduta pejorativa. Em alguns depoimentos de profissionais do ensino percebemos esse discurso de forma direta e indireta já que

esses alunos, muitas vezes, foram classificados como “menos capazes” intelectualmente ou de “difícil relacionamento” relativamente aos tijucanos, gerando atitudes preconceituosas no cotidiano escolar, influenciando, negativamente, os alunos em seu aprendizado. Assim, o estudo desses fluxos migratórios poderia revelar interesses acobertados pela construção dessa representação social dos nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro? E quais seriam os seus reflexos para a rede escolar?

Migrantes e a Escola Municipal Nadime Derze Jorge¹⁸ (Ituiutaba-MG)

Buscando responder algumas das questões formuladas sobre a atual dinâmica cultural entre mineiros e migrantes nordestinos na cidade de Ituiutaba, especificamente em espaços escolares institucionalizados, passamos a observar as relações no interior da Escola Municipal Nadime Derze Jorge, caracterizada, como dissemos anteriormente, por ter em seu quadro discente um grande percentual de alunos migrantes e filhos de migrantes.

Ao longo dos meses em que lá estivemos, pudemos entender um pouco mais sobre a representação elaborada em torno da figura dos migrantes que vem sendo reconfigurada desde a década de 1950, revelando interesses velados que servem aos dois grupos, mas de forma assimétrica, o que multiplica os conflitos culturais.

Criada em 24 de novembro de 1992, pela Lei nº 2.909, sob a denominação “Escola Municipal Nadime Derze Jorge”, a escola teve

18. Essa instituição localiza-se na Rua Sebastião Piorra, 284, no bairro Jerônimo Mendonça (conhecido também como Novo Tempo II). Possui 1275 m² de construção. A escola está organizada da seguinte forma: duas salas de pré-escola (4 e 5 anos), uma sala de primeira série (6 anos), duas salas de segunda série (7 anos), duas salas de quarta série (8 anos) e duas salas de quinta série (9 anos). A escola também conta com uma sala PETI e uma sala de EJA (noturno), totalizando quase 300 alunos (cerca de 120 deles têm como origem a região Nordeste do país). Nesses dez anos da escola, a direção priorizou atender a legislação curricular vigente. Assim, a partir de 2005, foi introduzida a educação infantil, seguindo as normativas referentes ao novo ensino fundamental de nove anos. Além dos professores regentes de cada sala, a escola conta com um professor de Educação Física e um de Literatura, implementando, de forma legal, a grade curricular (Fonte: Secretaria da Escola Municipal Nadime Derze Jorge, 2011).

seu nome mudado para “Centro Social Nadime Derze”, em 24 de setembro de 1998, pela Lei nº 3.302, que revogou a anterior em razão de a instituição se localizar na periferia da cidade e por não contar com outros aparelhos públicos de atendimento à população. O objetivo era criar um espaço público que estimulasse a presença das famílias para receberem orientações diversas no que se referiam não apenas à educação de seus filhos, mas também à cidadania e à qualificação para o trabalho, já que o bairro carecia desse tipo de assistência.

Em 26 de janeiro de 2000, por força da Lei nº 3.383, a escola retoma a denominação “Escola Municipal Nadime Derze Jorge”. Nesse mesmo ano, iniciam-se as atividades de Educação Infantil com duas salas de pré-escola. Em 2001, oferecendo o Ensino Fundamental (1ª a 4ª série), a escola já tinha 210 alunos matriculados em seu segundo ano de existência. Atualmente, a sua equipe escolar conta com mais de três dezenas de profissionais da educação na diretoria, secretaria, docência, inspetoria, vigilância, portaria, cantina, serviços gerais e biblioteca. A escola conta também com monitores do projeto federal “Mais Educação”, que oferece oficinas de letramento, música, rádio-escola, recreação e futebol, visando à melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Para o projeto, em um primeiro momento, realizamos levantamento junto a 20 alunos migrantes de 4º a 6º ano (10 meninas e 10 meninos com média de idade de 10 anos), buscando conhecer o perfil socioeconômico das famílias desses alunos, entender sua relação com a escola e desvelar características de sua autorrepresentação, enquanto migrante nordestino no Pontal Mineiro. Vejamos alguns números:

1. Perfil socioeconômico¹⁹

- 90% dos alunos são originários do Estado de Alagoas e residem no bairro Novo Tempo (entorno da escola), além de se classificarem como pardos ou mulatos. Os outros 10% têm origem no Piauí (estado que tem sido fonte de novo fluxo migratório para a região) e se declararam de cor branca;
- 80% moram em casas alugadas, que possuem, em média, cinco cômodos (incluindo banheiro) e seis pessoas por família;
- Em 75% dos lares, as famílias são formadas por pai, mãe e filhos, nos outros 25%, o grupo familiar é composto por padrasto ou madrasta, tio e tia, dados que refletem as estatísticas da população brasileira, mas que também reforçam a ideia de que a maior parte dos migrantes que se estabelecem na região vem com suas famílias, o que contribui para que o grupo acabe se restringindo a espaços periféricos ou “guetos”. Em geral, as crianças não saem do seu bairro;
- 100% das casas têm TV, asfalto, luz elétrica e máquina de lavar roupas (incluindo-se nesse item o tanquinho). Este último dado revela a preocupação feminina em se libertar do tanque, já que as mulheres dos trabalhadores da cana, em grande parte, são diaristas;
- 80 a 90% das casas têm aparelho de DVD, celular, bicicleta, água encanada, rádio, geladeira, esgoto, com bares próximos a elas. Este último dado não chega a surpreender já que, em zonas periféricas que possuem pouca ou

19. Ressaltamos, antes de qualquer análise, que os dados encontrados nesse item correspondem a boa parte das famílias de baixa renda do país, não sendo característica própria ao grupo de migrantes aqui estudados, mesmo assim, foi possível traçar o perfil desses alunos e de suas famílias.

nenhuma opção de lazer, a iniciativa privada ocupa o lugar público;

- 50% das residências possuem chuveiro elétrico e telefone público próximo a elas. Esse dado inicial pode revelar certo aspecto cultural, uma vez que a região do pontal é caracterizada por altas temperaturas, como no Nordeste;
- 95% das moradias não possuem micro-ondas, nem telefone fixo;
- 95% das famílias não possuem carro ou moto, indicando a pouca mobilidade desse grupo, de forma que as crianças passam grande parte do tempo em seus bairros, enquanto os pais saem para trabalhar;
- 75% são beneficiários do Programa Bolsa Família;
- 50% dos pais trabalham em usinas de cana (o mesmo índice foi apontado como a profissão dos pais no Nordeste), 40% das mães são diaristas, a renda média declarada por família é de R\$ 600,00 (muito embora esse dado tenha distorções em função da pequena amostragem colhida, uma vez que poucos alunos conseguiram fazer referência à renda familiar);
- 95% dos alunos não têm acesso a revistas e jornais impressos, mas 25% acessam a internet (jogos/*lan house*);
- 90% dos alunos têm acesso a livros e filmes (didáticos e para-didáticos na escola e TV em casa), brincar na rua é o lazer declarado pela maioria e somente 10% viajam para ver parentes (em fazendas da região ou Alagoas);
- 75% têm pais fumantes e usuários de álcool, parentes com dependência química ou de jogo (um dado bastante elevado nesse grupo que pode indicar elevado índice de frustração com a condição de migrante), 30% convivem com pessoas com necessidades especiais em casa (auditiva e fala);
- Suas famílias chegaram a Ituiutaba

em média há 3 anos e 4 meses, o que demonstra que os fluxos migratórios continuam existindo, com a fixação de parte das famílias dos alunos na região.

2. A relação com a escola/educação

- 50% dos alunos entrevistados estão em defasagem escolar (matriculados em série diferente da indicada para a idade) o que pode explicar o discurso de alguns profissionais da educação de que são alunos com dificuldades de aprendizado, já que muitos migraram no meio do período escolar, em alguns casos perdendo o ano letivo;
- 15% estudaram em outras escolas no Nordeste, 40% estudaram apenas no Nadime e 45% em outras escolas da cidade: Cônego, Junqueira, CAIC, CIME, APAE (a maior parte dessas escolas localiza-se na região próxima ao bairro em que vivem, com exceção da APAE);
- Quase a totalidade dos pais têm ensino fundamental incompleto e 20% dos alunos apontaram pais analfabetos (número que é o dobro da média nacional de 9,7% de pessoas com 15 anos ou mais, porém dentro da média dos estados de Alagoas e Piauí que varia entre 19% e 24,6%, segundo o PNAD, 2009).
- Metade dos alunos frequentou cursos fora do horário regular, porém, todos ofertados na própria instituição (dança, bordado e capoeira), o que indica que a escola é o único recurso dessas crianças;
- 80% demandam cursos como informática, dança, luta, pintura, *biscuit*, capoeira etc.;
- 50% afirmam ter dificuldades na escola; desses, 45% tem dificuldade em leitura e escrita. Atividades que mais gostam: educação física (bola), português e matemática, desenho (colorir) e ciências. E o que menos gostam: brigas (6); escrever muito (6), ciências (3); sopa (1);

- 90% gostam de ir à escola (aprender e brincar) os outros 10% vão obrigados;
 - 95% consideram a escola boa e 75% gostam dos colegas;
 - 80% gostam dos professores e para 20% eles são “bravos”;
 - Quanto ao futuro, desejam ser: professores (2); enfermeiro ou médico (4); advogado ou juiz (3); policial (3); cabeleireiro (1); funileiro (1); motorista (1); trabalhador rural (1), cantor (1); jogador de futebol (2); não sabe (1). O que se ressalta nesse dado é que quase a metade deseja seguir profissões ligadas ao aparelho estatal, como professores, médicos, enfermeiros e policiais, atividades bastante ligadas ao controle e a punição dos desvios de conduta no seio social.
3. Autorrepresentação do aluno migrante
- Quando indagados sobre sua casa no nordeste, alguns alunos que tinham essa memória, assim responderam: pequena, construção caída, quintal grande (maior do que em Minas Gerais), rua de terra, quintal com árvores (frutíferas);
 - Em relação à escola em seu estado de origem, os alunos ressaltaram: a ausência do sino, o pátio, a cantina e o tempo destinado a brincadeiras.
 - A viagem entre seu estado de origem e seu destino foi feita pela maior parte em ônibus fretado (alguns em carros tipo Van);
 - A motivação para migrar foi apontada por muitos alunos como possibilidade de vida melhor, já que em Minas Gerais os pais têm trabalho, alguns não souberam responder;
 - 80% responderam positivamente quando indagados se desejavam retornar ao seu estado, isso pode ter relação com as dificuldades de sociabilidade dos pais no novo espaço (discurso que se ouve em casa), mas também com o impressionante número de que 75% deles têm saudades do São João e 95% têm muita saudade dos parentes, além da falta do mar, das cachoeiras e do campo. Alguns fizeram referências à comida típica de sua região como o pescado, o camarão, o cuscuz, a farinha e o doce de banana;
 - 60% acham Minas Gerais melhor para viver do que no Nordeste, pois não passam dificuldades (fome) e a cidade é melhor;
 - 30% disseram ter sofrido preconceito por ser nordestino (esse dado também contém distorções, já que muitos dos alunos indicaram não saber o que era o preconceito).

A segunda etapa do projeto na escola começou a ser implementada a partir de março de 2011, quando o grupo buscou por em prática algumas das atividades que foram pensadas em parceria com a comunidade escolar. Entre elas destacamos os resultados de duas já concluídas: “São João em Minas” e “Desenhando Minha Terra”²⁰. Nessas atividades,

20. Essa segunda etapa do projeto tem atividades programadas até o segundo semestre de 2013, já que o projeto “Educação Escolar e Migração no Pontal Mineiro: a Escola Municipal Nadime Derze Jorge como espaço multicultural” foi contemplado pelo edital “Extensão em Interface com a Pesquisa” (FAPEMIG - 011). Neste projeto estão previstas as seguintes atividades: reestruturação do “Arte na Escola”, para reinício das oficinas de artesanato com alunos e comunidade, sob a supervisão da equipe escolar e dos bolsistas de IC, com visita de oficinairo especializado em arte nordestina; implantação das “Oficinas de Computação”, por meio da montagem da sala de informática na escola; “Contação de Histórias”, em que a equipe do trabalhará com os alunos e suas famílias a valorização de sua cultura de origem, por meio do levantamento de causos, contos e expressões regionais, construídos a partir da vivência itinerante motivada pela safra da cana; “Cordel em Cena”, em que serão trabalhadas, além da leitura do cordel, a produção de textos e sua dramatização, motivando a expressão corporal e a sensibilização dessas crianças por meio do teatro. O resultado de todas as atividades será publicado na “Cartilha do Migrante”.

o propósito foi valorizar a cultura do migrante por meio de uma das festas mais populares do Nordeste – o São João –, de maneira que as equipes da escola e do projeto pudessem fortalecer os laços com a comunidade do bairro para que as demais atividades pudessem apresentar melhores resultados.

Assim foi realizado o “São João em Minas”, na tentativa de se criar uma atmosfera típica nordestina com a apresentação da quadrilha, de danças e comidas regionais, ressaltando-se as peculiaridades desta festa no Nordeste.

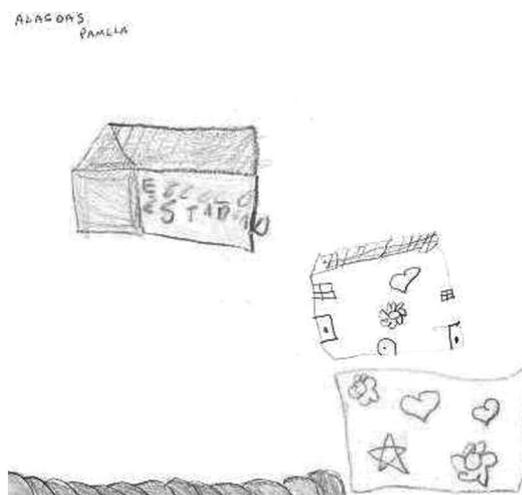
Foto: “São João em Minas” – Escola Municipal Nadime Derze Jorge



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão (2011).

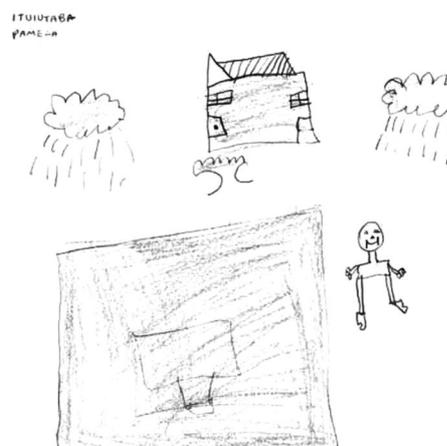
Em seguida, realizamos com alguns alunos migrantes da escola a atividade “Desenhando Minha Terra”, cuja proposta foi, durante uma oficina de arte, a produção pelo aluno de um desenho representando sua terra de origem (Nordeste), em uma folha de papel e, em outra, seu local atual de moradia (Minas Gerais), o que nos permitiu a elaboração de paralelos entre essas expressões artísticas, vejamos:

Figura 1: Representação da terra de origem (Nordeste)



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão (2011).

Figura 2: Representação do local atual de moradia (Minas Gerais).



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão (2011).

No conjunto dos desenhos recolhidos de um grupo de oito alunos participantes dessa atividade, ao menos três elementos comuns puderam ser identificados na maior parte das expressões artísticas das crianças: a casa/escola na terra de origem foi pintada com um maior número de cores, contendo algum elemento que expressava afetividade e, na atual moradia/escola, a chuva apareceu como elemento importante.

Publicamos os desenhos pintados pela aluna Pâmela (nome fictício), pois esses elementos são bastante perceptíveis: ao se lembrar de sua terra natal (Alagoas) a criança buscou representar sua escola e sua casa de forma bem colorida, com o muro e as paredes ornamentados com figuras de flores, estrelas e corações, um simbolismo ligado ao afeto (a saudade dos parentes, por exemplo, como apontado por quase todos os alunos). Já sua atual casa e escola (em Ituiutaba) são quase desenhos monocromáticos, muito embora apareça a figura de uma criança contente, talvez devido a chuva, mais escassa em sua terra de origem, fator determinante para a migração de muitos homens do sertão árido.

As informações acima apenas expressam parte da inquietação e dos impactos na vida de um indivíduo ou de uma família que toma a decisão de migrar. É preciso ir além das interpretações que reconhecem os processos migratórios como intrínsecos às estatísticas de desenvolvimento econômico, ou seja, uma determinada região só se desenvolve por conta do trabalho dos migrantes, que, normalmente, são sujeitos invisíveis nesses processos, especialmente, no que tange à nova dinâmica cultural, estabelecidas nos novos espaços de sociabilidade.

Nos últimos 40 anos, boa parte da população brasileira se deslocou de seu lugar de origem em busca de melhores oportunidades de

vida, contudo, a maior parte encontrou a luta árdua pela sobrevivência, o que constatamos em nosso estudo. As migrações internas refletem processos globais de mudanças sociais e econômicas, de forma que não podem ser compreendidas apartadas deles. Assim, o estudo da dinâmica cultural entre mineiros e migrantes nordestinos, especificamente, nos espaços escolares institucionalizados, passa pela observação da forte expansão do agronegócio no Pontal Mineiro, revelando interesses privados que vem sendo produzidos e reconfigurados desde a década de 1950 quando a produção de grãos promoveu intenso fluxo migratório (SILVA, 1997), estabelecendo-se desde o início o conflito cultural.

Pelos dados levantados na escola pesquisada é possível inferir que os migrantes sofrem um tipo de banzo da contemporaneidade em função das dificuldades enfrentadas para retornarem a sua terra (sequer para breves visitas), o que acentuaria a saudade de parentes, conhecidos, enfim, de sua cultura (festas, comidas etc.), refletindo-se no elevado índice de dependência química dos pais e responsáveis dessas crianças. Esse processo vem se repetindo desde os anos de 1950 quando, então, os nordestinos chegaram à região mineira, portando cultura diferenciada, sotaque “arrastado” e traços físicos diferentes, instalando-se naquele momento os enfrentamentos com a comunidade local, como vimos anteriormente, embates que chegaram à violência física, já que ser classificado de “barriga verde”, “caicó” (referência à cidade rio-norte-grandense, origem de muitos migrantes nos anos de 1950), “nortista” e, agora, “alagoano” passou a ter significado pejorativo²¹.

Portanto, foi longe da região Nordeste que se construiu a identidade nordestina dos migrantes que vieram para o Pontal Mineiro. Antes eram apenas alagoanos, paraibanos,

21. Os migrantes/imigrantes, segundo Bauman (2009, p. 79-80), “[...] representam a fragilidade e a precariedade da condição humana, e ninguém quer se lembrar dessas coisas horríveis todos os dias, coisas que preferíamos esquecer. Assim, por inúmeros motivos, os imigrantes tornam-se os principais portadores das diferenças que nos provocam medo e contra as quais demarcamos fronteira”.

potiguares etc. Não apenas a identidade do nordestino é constituída, mas também a do mineiro deve ser fortalecida frente ao “outro”, estabelece-se a luta simbólica e discursiva pelo poder em que será normalizada a identidade local e negada a identidade do nordestino, ou seja, o “diferente”. E é, segundo Silva (2007), esta relação assimétrica que determinará o grupo social que controlará o acesso aos bens sociais, estabelecendo-se hierarquias, quando determinado grupo passa a se representar como superior aos demais, emergindo-se preconceitos.

O preconceito pode se referir à aparência e a ascendência étnica, de acordo com Oliveira (2005), o que constatamos no interior da escola estudada, em que os migrantes nordestinos são minoria. Nos depoimentos ali colhidos, percebemos que as duas formas são evidenciadas: ao chegarem com seu sotaque característico, sua maneira de se vestir e seus traços físicos, essas características acabam se transmutando em características negativas frente à cultura mineira, por isso, são chamados de “cabeças-chatas” ou classificados como “nortistas” (mesmo não sendo da região Norte) ou “alagoanos”, desprestígio que, em alguns casos, se reflete no desempenho escolar ou no comportamento do migrante no interior da escola, classificado por alguns docentes e gestores como violento²².

É interessante observar que a violência, desde o início do processo migratório (1950), tem sido marca relacionada a esses grupos considerados “rudes” ou “agressivos”, discurso que vem sendo reproduzido há décadas. Caberia

aqui indagar o porquê disto ocorrer. A resposta imediata seria o estranhamento cultural, porém, entendemos que essa imagem do migrante acabou por acomodar tensões criadas a partir do encontro entre nordestinos e mineiros. A difusão desse discurso fortalece a hierarquização da sociedade, com o nordestino sendo colocado em situação de inferioridade, discurso este reproduzido até mesmo pelo próprio migrante, que, se sentindo um cidadão de menor categoria (acusado de beber muito, brigar e ser responsável por crimes contra o patrimônio), aceitaria as precárias condições de vida e de trabalho no novo espaço (tais como: educação de menor qualidade e ausência de direitos trabalhistas), movimento que segregaria ainda mais o grupo, fortalecendo os mecanismos de controle social.

Contudo, observando-se o ponto de vista do migrante, o mesmo discurso acabou por fortalecer o sentimento identitário do nordestino, pois, vistos como indivíduos violentos, os nordestinos passaram a se impor frente aos mineiros também pelo receio local sobre as consequências de se provocar um migrante, seja nos lugares, nos empregos ou nas escolas²³. Dessa forma, ocuparam espaços institucionais (escola), usufruindo de serviços públicos excessivamente precários em sua terra, como apontados pelos alunos migrantes, em relação às escolas frequentadas no Nordeste.

As características que assinalam os nordestinos migrantes como diferentes são estabelecidas a partir do padrão comportamental local que, segundo Lévinas (1997), tem poder deliberativo sobre a alteridade (o outro) de

22. Em entrevista, a colaboradora afirmou ser motivo de piadas e recriminações por parte de seus colegas pelo seu modo de vestir, falar, suas características físicas e sua origem, por isso faltava muito às aulas, ela ainda diz: “na escola eu sentia muito preconceito [...]. Na escola nós sentimos um pouco de preconceito pela gente ser diferente, de outro estado” (Entrevistada A1, junho/2011).

23. Os migrantes apelaram para a agressão física como forma de reação à situação de opressão. Uma depoente disse que seus irmãos, às vezes, brigavam com alunos mineiros por conta das provocações. Assim, formaram-se grupos de alunos migrantes para se autoprotegerem, gerando a falsa sensação de segurança na escola. No entanto, continua a depoente, quando os amigos dos irmãos faltavam, o medo voltava. Mas não apenas o apelo à violência foi lembrado pela colaboradora, mas também as práticas culturais de origem. Segundo a depoente, muitas vezes, ela, seus irmãos e os pais lembravam os cordéis recitados pelo avô, ou seja, uma forma de fortalecer a identidade do migrante nordestino (Entrevistada A1, junho/2011).

acordo com seus interesses para manipulá-lo da forma que lhe convier. E também:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, interiça, sem diferenciação interna (HALL, 2009, p. 109).

O processo de construção da identidade não é marcado por encadeamentos óbvios e aparentes, mas atravessado por ambiguidades. Em nosso estudo pudemos perceber que a população mineira não distingue um grupo de migrantes originado do Piauí de outro com origem em Alagoas. Porém, entre os migrantes, o elemento origem parece estabelecer certa hierarquia, uma vez que paraibanos, pernambucanos, maranhenses, cearenses etc., quando chamados de “alagoanos”, imediatamente negam tal origem, indicando que ser originado no estado de Alagoas significa estar na base dessa pirâmide hierárquica.

Na relação de construção da identidade de ambos os grupos, os mineiros se apresentaram como elemento dominante e modelo a ser seguido, por isso é espantoso que, na história da cidade, os migrantes nordestinos estejam ausentes. Mesmo tendo participado ativamente do desenvolvimento

do município, foram marginalizados. Contudo,

as culturas, mesmo marginalizadas e excluídas, não são realidades mudas, mas fontes de sentido e de construção do real. O ser humano, de fato, nasce culturalmente situado, o que, no entanto, não representa um destino, uma vez que ele redefine o modo de situar-se na cultura, retomando constantemente o conflito de tradições oculto sob o signo de uma “identidade estabelecida” (KREUTZ, 1999, p. 82).

Pelos depoimentos dos alunos de ontem (migrantes nos anos de 1950) e pelas entrevistas dos alunos de hoje (Escola Nadime Derze Jorge) é possível perceber o papel relevante da escola no processo de construção da identidade do migrante nordestino (mesmo ao negar-se o “diferente”). A escola é uma importante instituição na vida das pessoas (de frequência obrigatória) e, em boa parte, reproduz os interesses dominantes, promovendo a socialização/padronização dos indivíduos às normas estabelecidas. Percebemos isso ao trabalharmos com o migrante nordestino, “talhado” aos costumes locais. No entanto, mesmo que a escola esteja inserida nessa lógica, há sempre a possibilidade de mudanças de rumos.

Tecendo algumas considerações

Nesse espaço conclusivo, buscamos apontar resultados parciais sobre os dados levantados até o momento²⁴. Em princípio, o que salta aos olhos neste estudo é o preconceito construído e reproduzido pela comunidade em relação à população migrante. A cidade, arraigada às tradições de seu povo, tem reforçado a valoração negativa atribuída às características

24. O desenvolvimento desse projeto pode colaborar, no campo da História da Educação, com as reflexões que têm sido apresentadas sobre a relação entre escolarização e migração. A temática vem sendo explorada há quase duas décadas, especialmente no que tange aos imigrantes e suas formas de acesso à educação escolar, destacando-se as pesquisas de Lúcio Kreutz (1999) e Zeila Demartini (2008). No IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana (Rio de Janeiro, 2009) os sete trabalhos apresentados neste evento com tal temática referiam-se às escolas alemãs, italianas, japonesas ou árabes espalhadas, sobretudo, pelo sul do país.

da alteridade: o nordestino. É claro que esse processo não se dá de maneira homogênea, já que o preconceito é perceptível em diferentes graus e formas pelos setores da sociedade.

Acreditamos que isso é reflexo da organização interna de sociedades fortemente hierarquizadas, nas quais existem comando e subordinação; além de racionalização do outro que derivou em construções preconceituosas e violentas das diferenças, desumanizando-se a alteridade.

Quem controla os mecanismos de poder atribui valores à sociedade, define o que é bom e o que é ruim (DUSSEL, 1993). Aqueles que são sujeitos de atribuições identitárias que os desvalorizam, especialmente, aos seus próprios olhos, muitas vezes, acabam por assumir um papel de inferioridade, subordinando-se, por exemplo, a situações pouco dignas de trabalho e de sobrevivência, por não portarem códigos culturais locais, entendidos como corretos, como se verifica no grupo migrante nordestino no Pontal Mineiro.

Por outro lado, vimos anteriormente, que a dinâmica cultural entre mineiros e nordestinos não pode ser analisada de forma mecânica. Apesar de ser uma relação assimétrica, tem consequências para ambos os elementos envolvidos no processo. No novo espaço, o migrante elaborou formas de inserção social, mesmo que periféricas, o que representou avanços em sua condição material, como a possibilidade do trabalho e de acesso a serviços públicos de saúde e educação.

Conhecer as práticas no interior da Escola Municipal Nadime Derze Jorge, permitiu-nos entender que os espaços institucionais escolares visam à universalização, desconsiderando, na rotina do dia a dia, o elemento multicultural, o que acaba por simplificar e até mesmo ignorar a complexidade das experiências individuais, não explorando a riqueza das diferentes culturas que dividem o mesmo espaço, como aqui, em específico, mineiros e migrantes.

Entendemos que é preciso rever a prática

pedagógica nas escolas da região, sobretudo àquelas que atendem aos migrantes, para que as diferenças culturais entre ituiutabanos e nordestinos sejam valorizadas. Contudo, discutir as diferenças no espaço escolar, vai além da simples tolerância e respeito ao diverso.

Ver a identidade e a diferença como uma questão de produção significa tratar as relações entre as diferentes culturas não como uma questão de consenso, de diálogo ou de comunicação, mas como uma questão que envolve, fundamentalmente, relações de poder (SILVA, 2007, p. 96).

Assim, para que a representação depreciativa do migrante seja alterada, é preciso conhecer a dinâmica cultural local, pois só quando enfrentamos o problema é que é possível transformar a realidade, mudando os valores presentes nessa relação. Isso deve ser feito também por meio da formulação de políticas públicas que contribuam para estimular a construção de identidades positivas em relação aos nordestinos, estimulando sua participação social ativa e reduzindo-se o preconceito, que, em suas múltiplas manifestações, é pernicioso e manipulador porque impede a integração universalista, transformando os valores humanos em fatos arbitrários que exprimem a força vital da raça, da classe, do gênero ou outra qualquer.

Com isso, o grupo migrante superará a autoidentificação negativa, mudando os valores, transmutando as características ditas vergonhosas em características que orgulham, promovendo o início do fim da dialética do amo e do escravo, ao menos no que diz respeito ao preconceito frente aos nordestinos, levando-os a assumirem seus próprios valores sociais.

A instituição de novos valores – como normas e novas figuras jurídicas, que permitem mencionar e punir o preconceito – vem abrindo caminhos para a expansão de uma nova realidade social (GOFFMAN, 1988).

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. Pesquisa histórico-sociológica, imigração e educação: as fontes e sua análise. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Porto. **Anais...** Porto: Porto Editora, 2008.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro**. A origem do “mito da modernidade”. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FOLHA DE ITUIUTABA, Ituiutaba, 28 set. 1963. (Acervo da Fundação Cultural de Ituiutaba).
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1950 a 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>. Acesso em: 14 jan. 2012.
- KREUTZ, Lúcio. Identidade étnica e processo escolar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 79-96, jul. 1999.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEDEIROS, José A. B. de. **Seridó**. Brasília, 1980.
- OLIVEIRA, Ivone M. de. **Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula**. Campinas-SP: Papyrus, 2005.
- OLIVEIRA, Lúcia H. M. M. **História e memória educacional: o papel do colégio Santa Teresa no processo escolar de Ituiutaba, no Triângulo Mineiro-MG (1939-1942)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ITUITABA. Secretaria de Desenvolvimento Social – CAD, 2010. Disponível em: <<http://www>. Acesso em 14 jan. 2012.
- SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória: lembrança e esquecimento**. Trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SOUZA, Sauloéber Tarsio. O universo escolar nas páginas da imprensa tijuicana (Ituiutaba-MG - Anos de 1950 e 1960). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 523-541, jul.- dez. 2010.
- Submetido em 14 de fevereiro de 2012.
Aprovado em 26 de março de 2012.